

Dentre lutas, lidas e labutas:

Memórias e narrativas sobre o processo de formação das ligas camponesas no Piauí e suas experiências organizativas na “terra dos carnaubais” (Fazenda Matinhos/Campo Maior)

*Francisco Chagas O. Atanásio¹
Damião de Cosme de C. Rocha²*

Resumo: Este artigo se propõe a fazer uma breve análise sobre o processo de formação e organização das ligas camponesas, assim como o contexto social e político de sua incursão histórica no estado do Piauí. Para o desenvolvimento desta abordagem tomaremos como foco principal as experiências organizativas desenvolvidas em torno da Fazenda Matinhos, em Campo Maior, zona dos carnaubais, reduto no qual se instituiu a ALTACAM, uma associação trabalhista inspirada nos preceitos ideológicos das ligas camponesas do Engenho Galileia, de Pernambuco. Tomaremos a narrativas memorialísticas como baliza central de estudo para o desenvolvimento desta discussão. Pautando-se nesta escolha, iremos analisar as falas de um de seus principais líderes, procurando compreender os sentidos e os significados impressos em suas reflexões sobre o passado de luta e militância em torno deste movimento, assim também como o passado de conflito e tensão que emergiu no seio desse processo.

Palavras-chave: Liga Camponesa, Fazenda Matinhos, Memórias, Narrativas

Abstract: This article is proposed to present a brief analysis about the process of formation and organization of peasant leagues, as well as the social and political context of their historical incursions in the State of Piauí. To the development of this approach we will take as its main focus the organizational experiences developed around the Fazenda Matinhos, in Campo Maior municipality, at the north of the state, stronghold in which was established the ALTACAM, a labor association inspired by the ideological precepts of peasant leagues of the Engenho Galileia, at Pernambuco State. We will take the remembered stories as the central goal of the study for the development of this discussion. Guided by this choice, we will analyze the speech of one of its main leaders, seeking to understand the senses and meanings printed in his reflections over the past of struggle and activism around this movement, so as the past of conflict and tension that emerged through this process.

Keywords: Peasant League, Matinhos Farm, Memories, Narratives

AMONG FIGHTS, LABOR AND TOILS:

Memories and narratives about the process of formation of peasant leagues in Piauí and their organizational experiences in northern state (Fazenda Matinhos/Campo Maior)

¹ Professor Assistente da Universidade Estadual do Piauí – SRN. Doutorando em história pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES.

² Professor Assistente da Universidade Estadual do Piauí – CCM. Doutorando em história pela Pontifícia Universidade Católica – São Paulo

1. A emergência das ligas na incursão dos movimentos campesinos no Brasil

...eu sentia que alguém que tinha documento, alguém que tinha, era categoria, e a gente não tinha. Aí eu começava a falar essas coisas pra ele, e eu perguntava pra ele: será se não tinha um jeito, da gente se organizar? Porque os motoristas já tinha uma categoriazinha meio pequena, os militares tinham, os médicos tinham, os padres tinham, os bancários tinham e alguns empresários também já tinham, e ele olhava pra mim e achava graça e dizia: “Luís, tem. Desse jeito, tem; mas o rico não quer que o pobre faça isso não, porque eles pensam assim, muito deles, não é todos não! Mas tem um bocado aí que pensa assim: esse gado aqui todo é meu, essa terra toda é minha, esses ‘cabocos’ são tudo meu, aqui quem manda sou eu, quem não fizer o que eu quero, do meu jeito, vai embora”. Sempre acontecia essas coisas desse tipo assim... Aquilo também despertava a gente um pouco... Saber daquelas histórias de longe, e eu era interessado em saber dessas histórias, nós continuamos assim, no rumo das histórias das ligas camponesas³...

Certa feita, Hannah Arendt (2007) mencionara que a condição humana se constitui enquanto um processo dinâmico e relacional distribuído em vários aspectos e faces da vida cotidiana (trabalho, ação, labor). Em meio a tais aspectos, os sujeitos são levados a pensar sobre o lugar social que ocupam, e, concomitantemente, seus papéis dentro do núcleo coletivo ao qual pertencem. É partir desse momento que estes trafegam por caminhos nos quais se torna possível perceber o jogo de relações sociais e políticas que se encontram articuladas às suas condições de existir, e, em contrapartida, constroem possibilidades para expressar certos questionamentos acerca de tais condições.

O fragmento transcrito na citação acima denota a emergência dessa percepção de compreensão crítica relacionada a uma realidade experimentada. Através do ato de lembrar e lançar mão de determinadas sensibilidades por meio de um exercício memorialístico, reflexivo e pessoal, ela evidencia uma leitura de mundo feita por um indivíduo que se percebeu enquanto alguém comprometido com a tarefa de edificar um lugar de direito para si mesmo, e para seus pares, enquanto categoria social esculpida na teoria e na prática. O sujeito em questão é um vaqueiro e lavrador que percebera, diante das contradições do meio social ao qual pertencia, a necessidade de romper com o quadro de exploração a que estava submetido. Seu nome: Luiz Osório Lopes, conhecido como Luiz “Edwiges” Lopes.

À sua trajetória está agregado um processo de luta pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais no Piauí. Com isso, seu trajeto mistura-se com as próprias incursões dos movimentos camponeses no estado. Uma história marcada por conflitos, tensões, e

³ Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2012, na cidade de Campo Maior. (Fazenda Matinhos). Luis “Edwiges” Lopes, nascido em 19\08\1937.

embates, nos quais os trabalhadores da região procuraram institucionalizar-se enquanto categoria e lugar de sujeito.

Este estudo se volta a analisar o processo de formação e organização das ligas camponesas no estado do Piauí. Procuramos, por meio deste, abordar como se constituiu historicamente as ligas a partir das experiências desenvolvidas na região dos carnaubais, ao norte do estado, entre os anos de 1958 e 1968, período correspondente a uma fase de emergência de manifestações organizadas por parte dos trabalhadores rurais – tanto em âmbito local como nacional – culminando numa fase de repressão encabeçada pelo regime militar.

De imediato, ressaltamos que o termo “liga camponesa”, usado neste trabalho, é adotado sobre um caráter genérico e em consonância com as designações dos articuladores locais deste movimento. Pois nos asseguramos da apropriação do termo levando em conta seu uso comum frente às memórias dos personagens que retrataram dadas eventualidades vivenciadas em torno dessas organizações trabalhistas. Além disso, é inegável a influência das ligas espalhadas pelo nordeste, em especial as liga de Pernambuco – engenho Galiléia – para a formação das ligas insurgentes no estado do Piauí.

Como assinala Schreiner (2002), em temporalidades e espacialidades distintas, o homem do campo procurou criar uma cultura de resistência e um exercício reivindicatório referente aos seus direitos relacionados à terra, plano no qual sua labuta se faz. Em via de regra, ele se aproxima dos pares formando um corpo coletivo no qual irá experimentar situações cotidianas divididas com os mesmos, compartilhando assim uma série de vivências e lutas por valores e questões em comum. É nessa experiência coletiva que os sujeitos irão constituir àquilo que E. P. Thompson (1981) enunciou enquanto “classe”.

Ao observar por esse prisma, podemos compreender que a “classe” emerge como categoria histórica permeada em meio a uma formação social e cultural. Enquanto “noção”, a classe é situada como uma unidade coletiva, um “sujeito” que se constrói no “fazer-se”, o qual insurge das tensões e correlações de forças instauradas entre grupos. Ela se torna presente quando os indivíduos adquirem proximidade ao se reconhecerem em meio a uma mesma situação de conflito, e, numa tentativa de ceifar a malha fina que subjulga e encobre tal relação, os mesmos articulam objetivos comuns – de organização e práxis – contra os grupos que impõem certo exercício repressivo e/ou de oposição aos seus interesses.

Do mesmo modo, entendemos que os atores sociais dão feitura a uma classe enquanto produto de um regime de historicidade. Seguindo esse pressuposto, percebemos que a classe emerge em diferentes lugares e momentos, mas nunca exatamente da mesma maneira. Ela não

é algo essencializado ou acabado, mas dinâmico e re-corrente, constituindo-se, mimeticamente, nos processos históricos em que os sujeitos protagonizam diversas situações partilhadas através das experiências vivenciadas.

Desse modo, os indivíduos experimentam “relações produtivas e de classe”, indissociáveis da cultura e da ação política (SCHREINER, 2002). Portanto, a classe só adquire existência ao longo de uma trajetória, de um processo de luta coletiva, no qual se dará feição a uma identidade social e política, sendo fruto de um “fazer-se”. No fluxo dessa jornada, tais coletivos também delatam o momento em que “novos personagens entram em cena” (SADER, 1988), enquanto formas de resistência organizada.

As ligas camponesas integram esse processo de mobilização articulada na trajetória dos trabalhadores rurais, em meio à incursão histórica dos movimentos sociais no Brasil. De acordo com Márcia Motta e Leandro Esteves, as primeiras tentativas de estruturação das ligas em instância nacional:

...surgiram na década de 1940. Constituídas pelo PCB, representavam naquele período um esforço dos comunistas na tentativa de ampliar suas bases políticas, cujo objetivo primordial era o de fundamentar a aliança operário-camponesa para fazer face ao latifúndio e ao imperialismo de acordo com a visão de revolução encampada pelo partido. Impossibilitados por obstáculos existentes no âmbito jurídico, que lançava mão de numerosos artifícios para impedir a sindicalização do trabalhador rural, ainda que não fosse legalmente proibida, a saída para os militantes do PCB foi promover no campo formas organizativas de cunho associativista, constituídas aproveitando brechas legais existentes no Código Civil, cuja legislação permitia a criação de associações rurais desde que não ficasse evidente que se tratava de organizações de trabalhadores com fins sindicais (MOTTA; ESTEVES, 2008, p. 245).

Como o próprio termo indicia, a ideia vislumbrada pelo partido comunista alimentava a proposta de criar ligas – uma aliança coletiva – com bases camponesas. Desta forma, os trabalhadores rurais estariam em sintonia com o programa idealizado pelos comunistas, o qual procurava consolidar um lugar de atuação dos trabalhadores rurais junto a outros setores sociais, no seu programa de transformação política nacional, proposta a qual se tornou inviável após ter sido colocado na ilegalidade, em 1947.

A partir de meados dos anos 1950, as ligas camponesas resurgirão como alternativas de organização dos camponeses. Montenegro (2004) destaca ao fato delas ganharem visibilidade na região nordeste como um aparelhamento coletivo desenvolvido pelos próprios trabalhadores, alicerçado na proposta de melhoria das condições de trabalho e de assistência aos lavradores rurais. Elas teriam seu germen nutrido, em 1954, no Engenho Galiléia, em

Vitória de Santo Antão, Pernambuco, a partir da fundação da SAPPP (Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco). Nesse contexto, os trabalhadores decidiram:

... criar uma associação de ajuda mútua, de forma que pudessem de maneira solidária socorrer uns aos outros nos momentos de necessidade. Dessa maneira, acreditam que poderiam melhor enfrentar problemas como o atraso no pagamento do foro e até o enterro dos seus mortos, que era então realizado num caixão coletivo, cedido pela prefeitura... (MONTENEGRO 2004, p.04)

A presença de Francisco Julião, advogado, escritor e deputado pelo Partido Socialista Brasileiro – PSB – conferiu maior visibilidade às ligas em Pernambuco, tornando-se referência para outras experiências organizativas de trabalhadores rurais no Brasil e no nordeste. Contudo, vale lembrar que a percepção associativa entre as ligas e o comunismo estabelecerá uma identificação mútua, sendo pensados de maneira sinonímia. Rangel (2000), por exemplo, menciona que certa noção sobre comunismo teria sido “cristalizado na historiografia como o propositor das Ligas Camponesas. O PCB é sempre o ponto de partida, a origem, o lugar de gênese, mesmo para aqueles que explicaram as Ligas a partir da atuação de Julião” (2000, p.115).

Figura 01: Francisco Julião, principal nome dentre as lideranças das ligas camponesas espalhadas pelo Brasil. Sua trajetória frente à liga do engenho Galiléia foi motivo de inspiração para outros grupos.



Fonte: Enciclopédia Nordeste: www.onordeste.com

Remetendo à experiência no Piauí, foi no município de Campo Maior, aproximadamente a 60km da capital, Teresina, onde se desenvolveu uma das mais expressivas organização de trabalhadores rurais no estado, tendo por inspiração as ligas camponesas de

Pernambuco. A mesma teve como principais lideranças os irmãos Lopes: Luiz “Edwiges” Lopes, Ribamar Osório Lopes, José de Ribamar O. Lopes. Esses eram oriundos de um lugar social pouco abastado, sendo filhos de lavradores. Contudo, possuíam uma significativa compreensão a cerca da realidade política que os envolvia.

2. A experiência organizativa da Fazenda Matinhos, formação e liderança. O caso dos irmãos Lopes

De acordo com suas memórias, as primeiras notícias que os irmãos Lopes tiveram a respeito das ligas camponesas ocorreram por meio de jornais, informativos, distribuídos pela igreja católica, que, de certa forma, faziam propaganda contra o comunismo. Esse contato foi possível pelo fato da mãe dos irmãos ser uma associada do referido jornal, o “Jornal de São Francisco”, que vinha da cidade de Canindé – Ceará. Luiz “Edwiges” relembra do acesso frequente que tivera aos jornais através dos exemplares que sua mão trazia quando esses chegavam ao endereço da paróquia local de Campo Maior:

Minha mãe era sócia do jornalzinho de São Francisco, lá em Canindé, e o jornalzinho vinha todos os meses pro endereço, aqui. O jornal era anticomunista, né! Aí o jornal trazia muita história do comunismo daqueles. Eles faziam um terror monstro nas terras, do comunismo, e aí aconselhava as pessoas não querer saber daquilo e tal, mas já falava muito nas ligas camponesas de Pernambuco, o jornalzinho⁴.

Curiosamente, o “jornalzinho”, que era utilizado pela igreja como um meio de “alertar” à comunidade católica para o “perigo” comunista, recebeu uma forma inversa de apropriação por parte dos irmãos Lopes. Pois ele fora percebido enquanto um recurso para uma determinada compreensão política, além de ser um vetor pelo qual tiveram as primeiras referências ideológicas sobre as ligas camponesas.

Ao analisarmos a fala de Luiz “Edwiges” Lopes, também é possível denotar que a igreja, já ostentava um seguimento notoriamente conservador, que combatia e demonizava a imagem do comunismo e toda ação e mobilização sociopolítica a ele articulada. Desse modo, as ligas camponesas eram vistas como um movimento a ser combatido, pois, como iniciada na citação de Rangel (2000), as ligas, em sua projeção mais ampla, eram dotadas de um viés político com forte influência de partidos de esquerda, notadamente de orientações comunistas.

⁴ Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2012, na cidade de Campo Maior. (Fazenda Matinhos)

Contudo, esse primeiro contato alimentou, junto aos irmãos Lopes, uma consciência política em relação à necessidade de organizar os trabalhadores rurais do município, que sofriam diversas retaliações por parte dos latifundiários locais. Havia uma determinada coerção e privação dos direitos civis, políticos e econômicos lançada aos camponeses, como: o monopólio de venda de produtos agrícolas (cobabaçu, dentre outros), a imposição de preço dos produtos cultivados a serem comercializados, a ação política e arbitrária por parte dos proprietários de terra, a proibição dos lavradores exercerem uma atividade recíproca de trabalho em si (recuperar através de trabalhos coletivos cercas, cobertura de casas, etc.), a alta taxa cobrada pela ocupação da terra (renda) além de outras arbitrariedades.

A partir da relação de proximidade com os demais agricultores e agregados de terra, como também das próprias situações de exploração vividas em suas lidas como lavradores, os irmãos Lopes tomaram a iniciativa de instituir um órgão com o qual pudessem lutar pelos direitos dos trabalhadores do campo no município. Ambos os irmãos ocuparam inicialmente papéis de relativo destaque no processo de reconhecimento e consolidação da liga camponesa da Fazenda “Matinhos”.

Luiz “Edwiges” Lopes ocupou um papel de destaque nesse processo caracterizando-se como principal ativista dos trabalhadores rurais. Por ser um lavrador com certa desenvoltura na leitura e escrita – atributos raros para um homem do campo na época – e palavras pouco medidas na oratória, logo foi alçado à condição de líder local. Dele partia as principais ações de mobilização da classe antes mesmo de sua estruturação formal.

Figura 02: Luiz “Edwiges” Lopes, discursando aos lavradores em uma palestra anos após o fim das ligas camponesas, imposto pelo regime militar. Mesmo com o término de suas atividades frente à liga, Edwiges não encerrou seu trabalho como líder e um dos principais ativistas dos agricultores no norte do Piauí.



Fonte: Acervo pessoal, S/D

Era comum Edwiges promover reuniões com os trabalhadores embaixo dos pés de mangueira, na propriedade dos familiares – na Fazenda Matinhos – para discutir questões relacionadas ao tratamento reservado a eles pelos latifundiários. Nessas reuniões ele também lançava suas ideias sobre o sindicato rural que pretendia fundar inspirado nos movimentos camponeses espalhados pelo nordeste, que sempre ouvia falar, principalmente o que era liderado por um certo “Chico” Julião. A imagem de líder e bastião da classe camponesa na região de Campo Maior e adjacências iria se consolidar de modo que, mesmo após o fim das atividades de militância da liga – quando se tornou alvo de perseguição do regime militar – seu nome ficaria cravado na memória dos trabalhadores rurais no processo de luta pela terra e outras questões de direito.

Os outros irmãos também foram importantes balizas com as quais Luiz “Edwiges” pôde contar diretamente. José de Ribamar O. Lopes foi seu braço direito. Ele, assim como seu irmão, Luiz, era também vaqueiro e lavrador. Ambos dividiam as responsabilidades, tanto em relação à liga quanto em relação às questões familiares. Essa proximidade suplantou, naturalmente, determinada afinidade político-ideológica.

Ribamar Lopes, o irmão mais velho, foi um caso diferenciado em relação à trajetória dos outros irmãos – Luiz e José. Desde cedo ele procurou ter maior autonomia e incutir novas descobertas para si, viajando a outros estados, o que fez com que ele experimentasse um modo de vida diferenciado dos irmãos. Através das viagens que fazia, Ribamar conseguiu a oportunidade para investir nos estudos, tendo, assim, a experiência de obter uma formação fora do estado, indo morar no Rio de Janeiro, Pará, e cursar direito em Brasília, onde posteriormente ocupou um cargo de destaque na SUPRA⁵.

Sua formação acadêmica – advogado e professor – de maneira alguma ofuscou o interesse pela luta que os irmãos compartilhavam, muito pelo contrário. Por ter uma ampla formação humanística, como também pelo fato de intercambiar outras vias de diálogo para além do estado, Ribamar se evidenciou como o articulador intelectual e grande elo para as reflexões políticas alimentadas pelos irmãos à frente da liga. Ele atendia a uma condição de mentor dos irmãos que atuavam efetivamente na entidade, caracterizando-se como ideólogo da mesma.

Pelos levantamentos que tivemos a oportunidade de fazer, foi possível constatar que Ribamar se mostrava um grande conhecedor da literatura e intelectuais de esquerda de sua época, como: Celso Furtado, Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes.

⁵ Superintendência de Reforma Agrária

Escritos relacionados a esses autores, e outros mais, são possíveis de serem identificados naquilo que sobrou de seu acervo particular. Nele também é possível encontrar manuais soviéticos de traduções em espanhol, e vários recortes de jornais que tratavam de manifestações políticas vivenciadas naquele momento. Parte desse conteúdo foi possível de ser conferido em seus pertences, na casa onde costumava se alojar em Campo Maior, quando não estava em seu escritório de trabalho, em Brasília.

Figura 02: Ribamar Lopes em seu escritório, em Brasília, no edifício Maristela. O registro da foto data de 15 de maio de 1974.



Fonte: Acervo pessoal, 1974.

De acordo com seus irmãos, Ribamar foi a principal vítima, entre eles, da vigília e repressão imposta pelos militares a serviço do regime, iniciado em 1964, quando as demandas e reivindicações da liga começaram a ser vistas com o certo incômodo, necessitando de silenciamento. Nesse contexto, Ribamar por várias vezes foi preso, torturado física e psicologicamente, acusado de incitar a desordem e a revelia junto aos trabalhadores rurais da região. Muito dos itens de seu acervo pessoal, inclusive várias anotações, foram apreendidos pela polícia, sendo considerado material subversivo. Ainda sim era desejo de Ribamar escrever algo que abordasse a organização dos trabalhadores rurais no estado, retratando sua luta por melhores condições em meio aos embates vivenciados naquele período, proposta esta abreviada por uma fatalidade: sua morte causada por um aneurisma cerebral, em 1982.

Figura 04: Velha estante com aquilo que sobrou. nela se encontram jornais, anotações, livros antigos da época.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

As memórias dos irmãos sobre Ribamar Lopes revelam um misto de lamento – pela morte – e admiração, pelo que representava à família. Ribamar, ao sair do interior do Piauí e aventurar-se por outros centros do Brasil, conseguiu arvorar um lugar social que lhe coferiu certa distinção. Todavia, sua importância não se limitou apenas à imagem de “homem do campo” convertido em “homem estudado”, ela também estava ligada ao ato de auxiliar os irmãos e usar seu esclarecimento, enquanto advogado e homem articulado, em favor dos agricultores que integravam a liga. Segundo as palavras de Luiz Edwiges, Ribamar:

foi o cabeça aqui pra nós, era a fonte que descobria a parte burocrática, a forma de se fazer as coisas... Ele era um homem muito esforçado em tudo. Ele não matava nem cobra, mas era inteligente. Aí os homens, aqui, começaram a criar medo dele, por ele ser sabido, um homem inteligente danado se preparando⁶.

Foi, inclusive, a partir das linhas de diálogo que Ribamar tinha no estado, que ele conseguiu estabelecer contato entre seus irmãos com outro indivíduo de Teresina, o qual, assim como eles, almejava instituir uma entidade organizativa voltada aos camponeses: o agricultor José Esperidião Fernandes. De acordo com Edwiges, ao fazer um levantamento sobre as propostas de sindicatos rurais no Piauí, Ribamar:

descobriu que em Teresina, já estava bem avançada a conversa, no nosso entendimento. Tinha um homem em Teresina, chamado José Espiridião Fernandes, que morava no bairro “Porenquanto”. Esse homem tinha

⁶ Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2012, na cidade de Campo Maior. (Fazenda Matinhos)

adquirido um estatuto das ligas camponesas de Pernambuco, do Chico Julião, e morava no bairro Por enquanto⁷.

José Esperidião Fernandes já promovia encontros com alguns trabalhadores rurais, visando formar um grupo com o qual pudesse batalhar por questões relacionadas às atividades agrícolas no estado. Algumas reuniões que organizava eram feitas em Timon, cidade vizinha a Teresina. Seus primeiros diálogos com os irmãos Lopes ocorreram inicialmente através de cartas, nas quais compartilhavam questões em comum sobre uma organização para os camponeses no estado. A partir desses diálogos, resolveram se encontrar para discutir e pensar sobre o itinerário a seguir para edificar tal organização em suas localidades.

No encontro, ocorrido em Teresina, Luís “Edwiges” Lopes teve seu primeiro contato com o estatuto da Liga Camponesa do engenho Galiléia, liderada por Julião. José Esperidião detinha uma cópia do mesmo e a apresentou ao seu visitante. Este documento tornou-se baliza central para o desenvolvimento das diretrizes a serem seguidas pela liga que iria ser instituída, em Campo Maior. Luís “Edwiges” tratou de solicitá-lo por empréstimo para reproduzir uma cópia e, através da mesma, orientar os passos para organizar institucionalmente os trabalhadores em sua localidade. Ao relembrar tal momento, Luís “Edwiges” se propõe em a “reproduzir” o diálogo que teve com o companheiro de causa, para ilustrar o momento:

Eu falei assim:

- Esperidião, me empresta esse documento, meu irmão sabe datilografar e eu mando ele tirar uma cópia, né! E quando eu tirar lá, eu venho deixar aqui.

Então ele disse:

- Luís tudo bem! Eu lhe empresto com maior prazer, né! E vou logo lhe dizendo: se você quiser ir fazendo o negócio lá, em Campo Maior primeiro que nós aqui, nós fazemos lá, que eu não tô ainda articulado como você tá não! Pela sua história, lá tá bem andado.⁸

Em 1962, foi fundada oficialmente, na Fazenda Matinhos – e seguidamente registrada em cartório, a primeira organização de apoio aos trabalhadores rurais, em Campo Maior, tomando por referência os preceitos descritos no estatuto da organização rural trabalhista do engenho Galiléia-Pe. Luiz Edwiges tinha por intuito nomeá-la como *Liga Camponesa de Campo Maior*, no entanto Ribamar o aconselhou a escolher outro nome para evitar possíveis problemas. Com isso, resolveu-se dar o nome de *Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Campo Maior – ALTACAM*, que teve o próprio Luiz “Edwiges” Lopes como primeiro presidente.

⁷ Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2012, na cidade de Campo Maior. (Fazenda Matinhos)

⁸ Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2012, na cidade de Campo Maior. (Fazenda Matinhos)

Figura 05: Carteira de associado da ALTACAM, fundada em 08 de julho de 1962, na Fazenda Matinhos.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Um dos aspectos que chama atenção nesse período, dentro do processo de formação e atuação da ALTACAM, está relacionado ao modo como sua institucionalização se insere em meio aos embates e às políticas locais no início da década de 1960. Sua emergência ocorre nas incursões administrativas do governo Chagas Rodrigues – governador do estado, pelo PTB, entre 1959-1962. A gestão de Rodrigues fora marcada por uma postura “desviante”, em certa medida, do perfil adotado pelos governadores que o antecederam.

Rodrigues, desde sua chegada ao poder do estado, almejou uma política mais próxima dos grupos “desfavorecidos”. Sua proposta estava voltada em adotar uma ação política que estivesse em sintonia com os anseios e as reivindicações das classes populares. O governador do estado alimentava esse ideal em seus discursos, os quais eram declarados pelo próprio, através de um programa de rádio⁹.

Como era de esperar, o perfil popular de Rodrigues desagradou nitidamente os grupos oligárquicos, as elites agrárias locais, assim como alimentou o sentimento de repúdio por parte de seus adversários políticos. As memórias de um dos seus principais opositores na

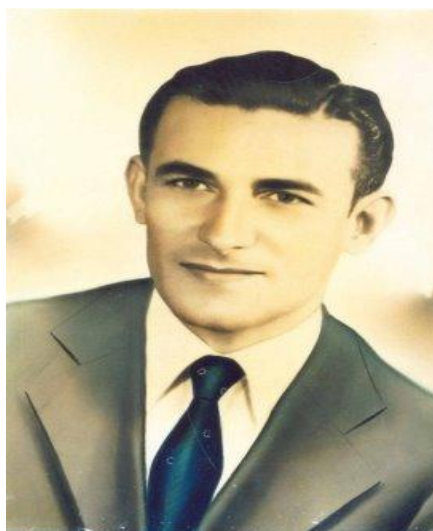
⁹ Chagas Rodrigues tinha um programa regular semanalmente na rádio “Clube de Teresina”, de propriedade do jornalista Walter Alencar. O programa chamava-se *Falando ao povo*. Esse programa foi um veículo de extrema importância para o aumento de popularidade do governador perante as massas. Sobre o uso das rádios como mecanismo de divulgação política, ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Fios da memória: histórias do rádio. In.: CASTELO BRANCO, Edward de Alencar, NASCIMENTO, Francisco Alcides do e PINHEIRO, Áurea Paz (org.). *História: cultura, sociedade, cidade*. Recife: Bagaço, 2005.

época, José Gayoso Freitas¹⁰, demonstra como seu perfil era caracterizado em meio aos adversários.

Chagas Rodrigues não trazia experiência administrativa. Seus aspectos mais fortes eram, ao nosso ver, a boa comunicabilidade, a oratória populista e certa influência econômica nos últimos momentos da campanha. Usando aquela linguagem populista, enfatizou temas que estavam sensibilizando áreas nordestinas, como a reforma agrária. Procurou difundir uma imagem renovadora e fez apelos aos sentimentos emocionais do povo [...] (GAYOSO, 1985, p.43).

Os discursos “reformistas”, que incomodavam os adversários políticos, endossaram condições necessárias para a estruturação das ligas camponesas, ao tempo em que se calcificava uma relação de proximidade entre o governador e as lideranças camponesas no estado. Defensor declarado do ideal de reforma agrária, Rodrigues viu com bons olhos a formação das ligas, chegando a prestar apoio aberto à para a formação da ALTACAM – que seria institucionalizada no último ano de governo - recebendo seus militantes na sede do governo do estado. Atitudes desta natureza causavam um olhar avesso à sua pessoa, direcionado pelos adversários.

Figura 06: Chagas Rodrigues, governador do estado. Chamou a atenção pelo perfil “caudilhesco”, prestando apoio aos grupos menos favorecidos e adotando uma postura popular.



Fonte: Blog do escritor Kenard Kruel. <http://krudu.blogspot.com.br/>

Muitas das críticas sobre a postura política de Chagas Rodrigues e sua aproximação com tais movimentos eram feitas em jornais que detinham certa orientação política de oposição. No ano de 1961, o jornal *Estado do Piauí* relatava, com visível descontentamento a

¹⁰ José Gayoso Freitas foi o principal adversário de Chagas Rodrigues nas eleições pelo PSD para o governo do estado, ocorrida em 1958. José Gayoso era primo do governador do estado até então, o ex-capitão do exercito Jacob Manoel Gayoso e Almendra.

estreita relação dos representantes das ligas, organizadas no estado, com o governador, que já era chamado de “patrocinador das Ligas Piauienses”, e complementava dizendo que as ligas no Piauí se encontravam em melhores condições se comparadas às outras ligas espalhadas pelo nordeste, uma vez que elas se encontravam “confortavelmente instaladas no próprio Palácio do Governo¹¹”.

A partir dessa proximidade, não demorou para que Rodrigues alimentasse, em meio aos grupos reacionários, o título de “governador comunista”. O jornal *Folha do Nordeste* o tratava pela alcunha de “Juliãozinho¹²”, referência jocosa a Francisco Julião, o que também demonstrava uma percepção aversiva lançada às ligas camponesas, que cada vez mais eram vistas com uma indumentária forjada pela áurea do comunismo.

Luiz “Edwiges” reconhece a situação favorável para a emergência da liga, em virtude do bom diálogo proposto pelo governador, contudo, nega sumariamente qualquer relação direta de apoio entre a ALTACAM e qualquer outro partido político ou mesmo representante político. Mesmo tendo uma assumida admiração por organizações de orientação comunista, em sua concepção, a liga não deveria se sujeitar a um vínculo específico com partidos ou políticos. Desse modo, a postura adotada pela ALTACAM visava ter um bom diálogo com qualquer grupo ou representante político que pudesse ajuda-la nas questões pelas quais militava. Segundo Edwiges:

Qualquer pessoa qualquer cidadão pra mim, era, não tinha negócio de comunismo, não! Nós queríamos era fazer uma coisa que nós não tinha. Precisávamos nos legalizar e ser também cidadão, também ter documento, ter tudo e naquela época trabalhador nenhum do Brasil rural se aposentava, né! E através dessa luta que surgiu às aposentadorias dos trabalhador e outros direitos também que foram aparecendo... não tinha esse negócio de partido, não! O Deusdete Mendes Ribeiro, que era deputado era do partido chamado PTB, se eu não mim engano, e outros de outras correntes políticas, mas que se aproximavam da gente pra ajudar! Não tinha disso, não! Não tinha negócio de partido, não! Eu conversava com todo mundo¹³

Em sua concepção, o comunismo não se limitava a uma orientação político-partidária. Aparentemente, as lideranças da ALTACAM apregoavam um ideal comunista de maneira espontânea, levando em conta a necessidade de se solidarizar com os demais lavradores numa ação coletiva em favor de uma causa comum. Desse modo, o comunismo que era professado

¹¹ Ver: OLIVEIRA, Marylu. **Contra a Foice e o Martelo**: Considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969... Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. p.25-35

¹² Idem

¹³Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2012, na cidade de Campo Maior. (Fazenda Matinhos)

pautava-se num ato de reciprocidade e organicidade em relação às demandas e oposição àqueles compreendidos como repressores, no caso os grandes latifundiários da região.

Além do diálogo aberto a distintas frentes políticas, a liga camponesa da Fazenda Matinhos contou com o apoio de outros grupos que mantiveram proximidade ao reconhecerem a causa de sua luta. Estudantes, professores, e intelectuais se alinharam ideologicamente via às questões reivindicadas pela entidade. Outro elemento que chama a atenção relacionado ao apoio externo adquirido em seu favor, diz respeito da aproximação por parte de figuras que carregavam uma significativa visibilidade em meio aos movimentos sociais camponeses em uma projeção mais ampla, como foi o caso de padre português, naturalizado brasileiro, Alípio de Freitas.

Freitas foi um dos principais intelectuais articuladores da liga camponesa de Pernambuco, do engenho Galiléia, ao lado de Francisco Julião e outros líderes populares como Zezé Galiléia. Nomeado padre ainda muito jovem, após concluir seus estudos na França, ele segue ao Brasil, em 1957, para lecionar filosofia na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, onde tem seus primeiros contatos com a categoria camponesa no Brasil e sua luta pela terra.

Figura 07: Alípio de Freitas, padre português que veio ao Brasil lecionar filosofia, abandonou as funções clericais da igreja, ao se aproximar do comunismo e conseqüentemente apoiar a ligas camponesas.



Fonte: Jornal Nova Democracia (versão eletrônica): <http://anovademocracia.com.br>

Logo, tornou-se afeito pelo ideal de “Reforma Agrária na lei ou na marra”. Em 1962, foi excomungado pela igreja após aproximar-se do partido comunista, o que o leva a também perder seu cargo como professor da Universidade Federal do Maranhão. Esse fato fez com

que sua aproximação com as ligas fosse intensificada. Em relato ao jornal “Diário da democracia”, Freitas rememora tal eventualidade:

Enfim, fui a Moscou. Aquilo foi uma maravilha... Em seguida eu pretendia voltar para o Maranhão mas, em plena campanha fui sequestrado pela reação e ameaçado de todas as formas. Quando fui solto, voltei ao Maranhão e a Universidade já não me aceitou mais. Dessa vez me integrei já diretamente às Ligas Camponesas, com quem já vinha atuando. Ocupei sua Secretaria de Organização até o ano de 1964. As Ligas estavam empenhadas na luta pelas Reformas de Base e defendiam a "Reforma Agrária na lei ou na marra", estávamos empenhados em fazê-la por bem ou por mal. Eu ficava no eixo Nordeste-Rio, entre a organização das Ligas e a edição do jornal "A Liga". (2010).

De acordo, com os relatos memorialísticos das lideranças locais, a passagem de Alípio de Freitas é mencionada na fase de organização da liga de Matinhos para observar como ela se estruturava na época. Essa eventualidade marca o momento de maior proximidade entre as frentes de articulação da liga camponesa de Matinhos, no Piauí, com um representante das lideranças do engenho Galiléia, em Pernambuco.

3. ALTACAM em ruínas: tensão, cisma e repressão

Desde sua fundação, a ALTACAM foi marcada por forte repressão, inicialmente capitaneada pelos proprietários de terra que usavam de meios coercitivos para inibir as reuniões entre os camponeses. Em seu primeiro encontro “oficial”, realizado na Fazenda Matinhos, os irmãos Lopes estimavam reunir por volta de 3.500 lavradores. No entanto, a partir de uma série de “propagandas” de intimidação, por parte dos latifundiários, espalhou-se certo temor do que poderia acontecer.

Muitos eram advertidos que seus contatos e filiações juntos à entidade acarretariam conseqüentemente determinadas formas retaliação, como: o estigma de “comunista”, a desagregação da terra por parte dos seus mandatários e até mesmo a não aceitação em outraddds terras. Também se espalhou que a polícia estaria à espreita para reprimir os “desordeiros” que estavam se preparando para promover um motim na região. Isso tudo, reduziu em aproximadamente 600 o número de presentes no primeiro encontro “oficial” de fundação.

Por outro lado, esse fato evidenciou o potencial de subversão que a liga camponesa da Fazenda Matinhos representava às elites agrárias locais. Pois, mesmo tendo sua estimativa numérica bastante reduzida, ainda sim ela se revelou enquanto fundamental frente de apoio à

“categoria” camponesa na região norte. Ao mesmo tempo, ela se caracterizou como um modelo local a ser copiado junto a outras experiências organizativas de trabalhadores rurais pelo estado. Por esses aspectos, a liga foi sendo identificada como uma substantiva inimiga dos grupos conservadores. Com isso, não só os proprietários de terra se mobilizaram contra a ALTACAM, mas também outros segmentos organizados, como, por exemplo, a igreja.

A igreja, em certa medida, se apresentava enquanto uma das principais frentes oposicionárias da liga camponesa de Matinhos. Esse fato se deve a uma orientação pavimentada, de maneira mais ampla, por distintas frações de perfil conservador, as quais estariam associadas em combater o comunismo. O advogado Jesualdo Cavalcante (2006), que na época integrava uma das frentes estudantis de apoio às ligas camponesas no Piauí, em seu escrito autobiográfico, menciona o fato de que a igreja procurou barrar o crescimento da Liga camponesa de Matinhos, que já desfrutava de certa visibilidade, criando uma espécie de “sindicato católico”, baseado em sua doutrina.

Dessa manobra, ocorreu a cisão de trabalhadores filiados a ALTACAM, resultando na formação de uma nova entidade com interesse de organizar os camponeses: o *Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campo Maior* – STRCM, que teve seu reconhecimento atestado no Ministério do Trabalho, através da carta sindical nº 193816, cujo seu primeiro presidente fora um dos dissidentes da ALTACAM: o lavrador Antônio Damião de Sousa. Desse modo, o STRCM, apoiado pela igreja, iria rivalizar junto com a ALTACAM pela condição de entidade legítima e porta-voz das reivindicações dos trabalhadores rurais em Campo Maior.

Em meio à esfera de implícita “disputa” entre ambas as instituições para se consolidarem como lugar de fala dos trabalhadores, em 1963, mesmo ano de fundação da STRCM, ocorre uma alteração no quadro político-administrativo do estado, o qual acarretaria as estruturas e a própria condição de visibilidade das ligas no que se refere às frentes de militâncias populares.

A chegada de Petrônio Portella ao governo (1963-1966), pela UDN, representou a mudança dos ventos ideológicos no Estado. Considerado por muitos um legítimo representante do reformismo autoritário, Portella, que anteriormente apoiara Chagas Rodrigues em sua campanha eleitoral rompe completamente com o mesmo, fazendo-se adversário no decorrer do seu pleito administrativo. Durante sua gestão, o novo governador abriria chancela para a inserção do regime militar no estado do Piauí.

Com a decretação do Ato Institucional nº 1, em 1964, instaura-se no Brasil o primeiro momento de repressão incisiva às manifestações populares, no sentido de promover uma “limpeza” geral, retirando do cenário político as frentes de reivindicações das classes

militantes: como os movimentos trabalhistas, comunistas, sindicalistas, camponeses dentre outros (REIS FILHO, 2005). Vem à luz do presente, para retratar esse momento, narrativas que fazem referência às experiências de perseguição policial em relação aos mais distintos grupos, como também aos líderes dos movimentos rurais, tanto no âmbito local quanto nacional. Como mecanismo repressivo, os militares:

criam as comissões gerais de inquéritos e instauraram os inquéritos policiais-militares. Fecharam o congresso, cassaram os mandatos dos parlamentares opositores, extinguiram os partidos políticos. Em sete meses, produziram mais de quinhentas intervenções em sindicatos de trabalhadores, seus dirigentes foram destituídos, presos, torturados ou forçados ao exílio. As ligas camponesas foram desmanteladas, seus líderes perseguidos, presos ou mortos (30 ANOS DE ANISTIA. 2009, 2min:02seg.- 2min:35seg).

Como é possível inferir da menção descrita acima, extraída do documentário “30 anos de anistia¹⁴”, podemos entender que a desarticulação das ligas camponesas, situava-se como parte de um programa nacional, emergente com o regime militar, o qual agraciava os interesses das elites locais que, de certa forma, encontrava-se em sintonia com a diligência político-administrativa impressa em tal momento por Petrônio Portella.

No caso do Piauí, com a instalação do regime militar, a malha fina da repressão recaiu sobre tais designações indistintamente. As ligas camponesas se depararam com uma fase de extrema radicalidade, tendo seus principais líderes presos e intimidados, acusados de serem suspeitos de cometer crimes contra ordem¹⁵, os quais foram genericamente denominados como “crimes políticos”. Em seus escritos, Barros descreve um dos eventos que retrata a atuação dos militares junto a manifestantes e líderes das ligas:

A caçada empreendida em Campo Maior rendera resultados: foram presos Raimundo Antunes Ribeiro (Totó), Antônio Luiz Higino, **Luis Osório Lopes, José Espiridião, Antônio Damião de Sousa**¹⁶ (grifo nosso), Jesualdo Cavalcante, Manuel Domingos Cardoso e Martin Pereira de Abreu (BARROS, 2006, p.189).

Os nomes grifados indicam justamente as lideranças das ligas camponesas, tanto de orientação “radical” – Luis “Edwiges” (Luís Ribamar Osório Lopes), líder da ALTACAM – quanto de orientação “conservadora” – Antônio Damião de Sousa, líder do STRCM. Esse

¹⁴ Este documentário é uma das produções que compõe a “Comissão de Direito à Memória e à Verdade”, o qual foi produzido, em 2009, pelo Ministério da Justiça do Brasil.

¹⁵ As prisões eram feitas a partir da lei: 1802/53, que regulava os crimes contra a ordem política e social.

¹⁶ Antonio Damião de Souza 13/05/1934

momento demarca a fase de maior tensão experimentada por seus líderes, assim como pelas próprias entidades. Uma vez identificados enquanto “comunistas” ou opositores do novo regime, eles iriam sofrer perseguições de diversas maneiras, desde interrogatórios a torturas físicas e psicológicas. Com isso, as próprias ligas teriam suas estruturas abaladas, chegando a um profundo definhamento de suas atividades organizativas e reivindicações em 1968, ostentando a partir desse momento, uma postura mais tímida em relação à luta pelas reformas e a equação dos direitos em favor dos camponeses.

As ligas falavam em nome de uma ampla e diversificada categoria de trabalhadores que incluía foreiros, meeiros, arrendatários e até pequenos proprietários, que produziam uma cultura de subsistência e comercializavam os excedentes produzidos normalmente em terras alheias. Nesse sentido, convém lembrar que a utilização do termo “camponês” parece ter sido fator de auto-identificação e de unidade para designar a categoria tão ampla em oposição a um adversário comum, politicamente denominado pelas lideranças como “o latifúndio improdutivo e espoliante”.

Referências

1. Bibliografia consultada

- ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Tempo de contar**: o que vi e sofri nos idos de 1964. Teresina: Gráfica do povo, 2006.
- CARNEIRO, Ana. **Retrato da repressão política no campo**: Brasil 1962-1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos. Brasília: MDA, 2011.
- MEDEIROS, Antonio José. **Movimentos Sociais e participação política**. Teresina: CEPAC, 1996.
- MONTENEGRO, Antônio. T. **As Ligas Camponesas às vésperas do Golpe de 1964**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 02, n. 02, p. 391-416, 2004.
- MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Ogs). **Formas de resistência camponesa**: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. São Paulo: UNESP, 2008.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Fios da memória: histórias do rádio. In.: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar, NASCIMENTO, Francisco Alcides do e PINHEIRO, Áurea Paz (org.). **História**: cultura, sociedade, cidade. Recife: Bagaço, 2005.
- OLIVEIRA, Marylu. **Contra a Foice e o Martelo**: Considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969... Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.
- reflexo nas lutas do Campo após 1964.
- RANGEL, M. do S. **Medo da morte e esperança de vida**: uma história das Ligas Camponesas. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHREINER, Davi F. **Entre a exclusão e a utopia**: um estudo sobre os processos de formação e vida cotidiana dos assentamentos rurais (Região Sudeste/Oeste do Paraná). São Paulo, 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

2. Fontes

FREITAS, Alípio. Um homem de grande firmeza: entrevista com o Alípio de Freitas. In: **Jornal Nova Democracia** (versão eletrônica), disponível em:

http://anovademocracia.com.br/index.php?option=com_content&task=view2724&Itemid=105

CABRAL, Sérgio. Liga do Piauí têm apoio do governo e da igreja. **Estado do Piauí**. Teresina, 26 out. 1961, p. 06.

FREITAS, José Gayoso de. Eleições de 1958: acontecimento que abalou o Piauí. In: **Almanaque da Parnaíba**, 60^a ed, Parnaíba, 1985, pág. 41-43.

MINISTÉRIO DO JUSTIÇA, **Requerimento Anistia nº: 2008.01.62266, de Antônio Damião de Sousa**. Teresina, 30 de março de 2012

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Diário Oficial da União**. Teresina, 28 de março de 2012.

Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/35688760/dou-secao-1-28-03-2012-pg-95>

RODRIGUES, Chagas. Entrevista cedida a Elmar Carvalho. In: **Inovação**, ano I, n^o 15. Parnaíba/PI. 31 de jan. de 1979.

3. Filme

30 ANOS de Anistia. Direção: Ângela Serrano: Brasília: Ministério da Justiça, 2009. Documentário (17min).

4. Entrevistas

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Resistência Camponesa em Campo Maior**: depoimento. [13 de março, 2012]. Teresina. Entrevista concedida a Damião Rocha.

SOUZA, Antônio Damião. **Criação do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Campo Maior**: depoimento [30 de março, 2012]. Teresina. Entrevista concedida a Damião Rocha.

LOPES, Luis Edwiges. **ALTACAM – A liga camponesa de Campo Maior**: depoimento. [27 de fevereiro, 2012]. Campo Maior. Entrevista cedida a Damião Rocha.

Recebido em: 05 de dezembro de 2012

Aprovado em: 22 de fevereiro de 2013